

Resenha:

DALL'AGNOL, Augusto César. Queda & Ascensão da Rússia: estabilidade estratégica, construção do Estado e reforma militar de larga escala (1991-2021). Curitiba: Appris, 2021.

José Renato Ferraz da Silveira¹

Breno Dotta de Brito²

Resumo: A obra “Queda & Ascensão da Rússia”, de Augusto César Dall’Agnol, oferece uma análise abrangente sobre o percurso russo desde o colapso da União Soviética até o início do século XXI. O autor explora os fundamentos teóricos do Realismo Neoclássico, com ênfase no conceito de balanceamento de poder, destacando como os Estados ajustam suas políticas de segurança e defesa em resposta às ameaças percebidas. Dall’Agnol detalha as reformas militares e econômicas russas, contrastando o caos da era Iéltsin com a restauração do controle estatal sob Vladimir Putin. A centralização do poder e a modernização das forças armadas russas foram respostas cruciais às crises internas e aos desafios externos, como a Primeira Guerra da Chechênia e o conflito na Geórgia em 2008, que impulsionaram reformas profundas. O autor também analisa o papel dos EUA como superpotência global após a Guerra Fria, destacando a dinâmica de unipolaridade e as reações estratégicas de outros Estados, especialmente Rússia e China. As reformas militares russas são descritas como uma adaptação às demandas da guerra moderna, com foco em maior profissionalização e tecnologia.

Palavras-chave: reforma militar russa; unipolaridade; balanceamento de poder.

Abstract: The book “Queda & Ascensão da Rússia”, by Augusto César Dall’Agnol, provides a comprehensive analysis of Russia’s trajectory from the fall of the Soviet Union to the early 21st century. The author examines the theoretical foundations of Neoclassical Realism, focusing on the concept of power balancing and how states adjust their security policies in response to perceived threats. Dall’Agnol explores Russia’s economic and military reforms, contrasting the instability of the Yeltsin era with the restoration of state control under Vladimir Putin. Key events such as the First Chechen War and the 2008 Georgia conflict are highlighted as catalysts for Russia’s military modernization. The book also analyzes the role of the U.S. as a global superpower after the Cold War, discussing the dynamics of unipolarity and the strategic responses from states like Russia and China. The Russian military reforms are framed as adaptations to modern warfare, emphasizing increased professionalism and technological advancements.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Associado I da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: jreferraz@hotmail.com

² Graduando em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Teoria, Arte e Política (2024). E-mail: brenodotta@gmail.com

Keywords: Russian military modernization; unipolarity; power balancing.

1 Sobre o autor

Augusto César Dall’Agnol é acadêmico e pesquisador, com foco nas áreas de Estudos Estratégicos Internacionais e Relações Internacionais. Atualmente, é Presidente (2022-2024) e ex-Vice-Presidente (2020-2022) do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), onde contribui ativamente para o debate estratégico na América do Sul. Dall’Agnol está concluindo seu doutorado (2019-2023) em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e foi “Visiting Scholar” (2021-2022) na Josef Korbel School of International Studies, University of Denver, nos Estados Unidos.

Sua trajetória acadêmica inclui um bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e sua experiência internacional oferece uma perspectiva global e interdisciplinar em suas análises. Além de seu papel de liderança no ISAPE, Dall’Agnol é autor de “Queda & Ascensão da Rússia” (2021), uma obra fundamental para entender a trajetória da Rússia e as dinâmicas de poder globais no século XXI. Seu compromisso com a pesquisa e o ensino, aliado à sua atuação como presidente do ISAPE, evidencia sua relevância no campo das relações internacionais e da estratégia na América do Sul.

2 Sobre a obra

No capítulo 1 (p. 25 – 80) de seu livro, o autor aborda os fundamentos conceituais e teóricos do Realismo Neoclássico, com foco particular no conceito de balanceamento, que será utilizado em suas análises ao decorrer da obra. Este é dividido em dois aspectos: um que explica resultados sistêmicos e outro que explora o comportamento dos Estados. O comportamento dos Estados dentro do Neorealismo é delineado pela percepção de ameaças à sua segurança, resultando em mobilização, e pela tendência à emulação das práticas de outros Estados.

A análise se aprofunda nas bases do balanceamento, destacando o princípio ordenador da anarquia, a natureza das unidades estatais e a distribuição de capacidades entre os Estados. O texto explora como os Estados buscam equilibrar poder tanto através de alianças externas quanto da mobilização de recursos internos, especialmente no desenvolvimento militar. A

245

necessidade de testar equipamentos em guerras é apontada como um fator que impacta não apenas a eficácia militar, mas também a coesão social.

Além disso, é discutida a preocupação dos Estados não apenas com a sobrevivência, mas também com a autonomia. A emulação do comportamento estatal é contextualizada, destacando que ela varia de acordo com o nível de ameaça percebido e as mudanças no ambiente de segurança. Tecnologia e geografia são apresentadas como determinantes na vantagem entre ataque e defesa, enquanto a revolução nuclear é apontada como um marco que alterou essa balança em favor da defesa.

O livro também aborda a reconstrução de Estados pós-socialistas, destacando a importância da capacidade estatal para garantir a ordem interna e administrar aspectos políticos e econômicos. A relação entre capacidade estatal e ameaça externa é explorada através de hipóteses que relacionam esses dois elementos. O método histórico comparativo é introduzido como uma ferramenta analítica para entender os processos históricos e suas relações causais. Por fim, são apresentadas estratégias militares como “blitzkrieg” e estratégias de atrito, com ênfase nos custos e na eficácia.

Após o colapso da União Soviética, os EUA ficaram como a única superpotência global, desfrutando de um domínio quase absoluto e a capacidade de projetar poder em praticamente qualquer parte do mundo. No entanto, o cenário internacional pós-Guerra Fria não se caracterizou por uma unipolaridade absoluta, mas sim por uma dinâmica tripolar, com China, Rússia e EUA como os principais atores, embora os EUA permaneçam mais poderosos.

Este período de unipolaridade trouxe consigo uma série de debates sobre a natureza desse sistema e suas implicações para a política internacional. A estabilidade unipolar, por exemplo, foi questionada diante da concentração sem precedentes de poder nos Estados Unidos. Tal supremacia tornou o balanceamento sistêmico “proibitivamente custoso” para outros Estados, tornando o equilíbrio de poder praticamente impossível, mesmo com alianças, uma vez que nenhum outro Estado ou coalizão poderia igualar seu poder.

Além disso, a balança de ameaças foi objeto de análise. Enquanto a unipolaridade não era necessariamente percebida como uma ameaça direta aos Estados, a lógica tradicional da balança de ameaças sugere que Estados tendem a se unir contra um agressor comum. No

entanto, a preponderância dos EUA não necessariamente significava uma ameaça para outros Estados. Outra abordagem, o “soft balancing”, estava intimamente ligada à balança de ameaças. Essa estratégia envolvia ações que não desafiavam diretamente a preponderância militar dos EUA, mas buscavam frustrar suas políticas agressivas por meios políticos, econômicos ou diplomáticos. Estados buscaram se adaptar à unipolaridade por meio de estratégias de balanceamento que evitassem confrontos diretos com os EUA.

Enquanto isso, no âmbito liberal institucionalista, mesmo durante a unipolaridade, Estados hegemônicos como os EUA podiam estabelecer acordos e instituições favoráveis que continuavam a existir mesmo após uma eventual redução de seu poder. Um exemplo disso era a OTAN, uma rede de alianças que serviu para garantir a hegemonia dos EUA. Por fim, havia quem argumentasse que a unipolaridade era apenas um período transitório, a chamada ilusão unipolar. Essa visão sugeria que a preponderância do poder dos EUA levaria outros Estados a reequilibrar rapidamente o poder, temendo a potencial ameaça à sua própria soberania. Esses debates refletiam as complexidades e incertezas inerentes ao cenário pós-Guerra Fria e à natureza da ordem internacional dominada pelos Estados Unidos.

Já no capítulo 2 (p. 81 – 142), o autor fala sobre a Defesa e Estabilidade Estratégica russa entre 1991 e 2001. Entre esses anos, a defesa nuclear era a prioridade das grandes potências, especialmente os EUA e a Rússia, com a estabilidade estratégica durante esse período derivando da capacidade de um segundo ataque nuclear que cada país teria, o que impedia uma guerra nuclear aberta, pois ambos os lados sabiam que a destruição mútua seria garantida e não haveria um vencedor. O Tratado ABM entre os EUA e a Rússia foi um dos principais pilares dessa estabilidade, limitando os sistemas de defesa antimísseis para manter o equilíbrio e a segurança global.

Com o fim da Guerra Fria, tanto os EUA quanto a Rússia buscam reduzir seus arsenais nucleares e minimizar as defesas antimísseis para diminuir as tensões globais. No entanto, em 2001, os EUA se retiraram do Tratado ABM, comprometendo essa estabilidade estratégica e aumentando a sensação de ameaça na Rússia. Durante a década de 1990, sob a presidência de Boris Iéltsin, a Rússia passou por um período de antiestatismo, marcado pela privatização descontrolada e a crescente influência de oligarcas. Esses oligarcas, especialmente no setor de

energia, obtiveram privilégios fiscais e influenciaram diretamente a política estatal, levando à incapacidade do Estado de arrecadar impostos de forma eficaz e de manter uma administração coesa.

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder no final dos anos 1990, houve um esforço concertado para restaurar o “poder vertical” do Estado, centralizando o controle e impondo maior disciplina fiscal e administrativa. Putin aboliu os paraísos fiscais regionais e começou a implementar reformas que fortaleceram a capacidade do Estado de arrecadar impostos e controlar a economia. A alta nos preços do petróleo durante os anos 2000 também contribuiu para a revitalização econômica da Rússia. A Primeira Guerra da Chechênia (1994-1996) foi um evento crucial que representou uma grande ameaça à unidade e estabilidade da Rússia. A guerra expôs a fragilidade da capacidade coercitiva do Estado russo e sua incapacidade de lidar com conflitos internos de maneira eficaz. Durante este período, a Rússia começou a focar na modernização de suas forças armadas, especialmente após perceber a necessidade de atualização tecnológica e operacional. No entanto, devido às restrições econômicas, a modernização inicialmente se concentrou em áreas menos custosas, como a frota terrestre.

Os EUA, por outro lado, estavam avançando rapidamente em suas capacidades de defesa antimísseis e outras tecnologias militares, justificando essas ações como uma proteção contra “Estados malignos”. Essa postura aumentou as tensões com a Rússia, que via essas medidas como ameaças diretas.

Enquanto isso, na Rússia de Putin, foram introduzidas uma série de reformas estruturais para reforçar a capacidade administrativa e extrativa do Estado. Essas reformas incluíram a reforma do sistema de plenipotenciários presidenciais, onde foi melhorada a supervisão regional; estabelecimento de sete distritos federais, centralizando o controle administrativo; reformas do conselho da federação, onde foram ajustadas a representação regional no governo central; o fortalecimento do mecanismo de intervenção federal, aumentando a capacidade do Estado de intervir em questões regionais; uma maior harmonização legal, com a uniformização das leis em todo o território russo. Além disso, mudanças no federalismo fiscal, com ajustes na distribuição de recursos financeiros entre o governo central e as regiões, ajudaram a domar os

oligarcas e estabilizar as relações econômicas do Estado, preparando a Rússia para um novo período de melhoria econômica e modernização militar.

No Capítulo 3 (p. 143 – 206) de seu livro, ele nos mostra que, no início dos anos 2000, os EUA estavam em uma posição de grande vantagem global, investindo fortemente em inovações militares através de agências como a DARPA. As guerras no Oriente Médio serviram como campos de teste para as novas tecnologias militares dos EUA, demonstrando a eficácia de armas de alta precisão e jatos de combate modernos.

A Guerra da Geórgia em 2008 revelou as deficiências no exército russo, apesar de sua herança ser uma das forças armadas mais poderosas do mundo. Esta guerra foi um catalisador para uma análise crítica dos pontos fracos e uma motivação para uma modernização abrangente. Além disso, as reformas militares russas entre 2008 e 2020 foram um processo extenso e profundo. Elas incluíram a implementação de brigadas militares, substituindo as divisões maiores por unidades mais ágeis e versáteis. A maior profissionalização do exército, o que aumentou a proporção de soldados profissionais em vez de recrutas e a modernização tecnológica, que acabou introduzindo novos equipamentos e tecnologias avançadas, como sistemas de comunicação digital, armas de alta precisão e veículos blindados modernos, tiveram um grande impacto na modernização militar e na capacidade operacional e eficácia do exército russo. As reformas refletiram uma adaptação às exigências da guerra moderna, melhorando a resposta a ameaças externas e aumentando a capacidade de defesa da Rússia.

Por fim, o autor foca nas modernizações militares dos EUA e da Rússia, destacando como as guerras contemporâneas influenciaram a evolução das capacidades militares e a adaptação às novas realidades estratégicas. A Guerra da Geórgia e as subsequentes reformas militares russas exemplificam a resposta adaptativa às deficiências reveladas em conflitos anteriores, refletindo a busca contínua por maior eficiência e capacidade operacional. Em resumo, a obra conecta teoria e prática de maneira eficaz, proporcionando uma análise perspicaz das estratégias de balanceamento de poder no cenário internacional contemporâneo. Através de uma abordagem histórica comparativa e de uma análise detalhada dos contextos geopolíticos, o livro oferece contribuições valiosas para o estudo das relações internacionais e para a compreensão das dinâmicas de poder entre Estados.